



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## ENTRE RUÍNAS, ESTILHAÇOS E SILÊNCIOS: OS FRAGMENTOS LITERÁRIOS EM *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA*.

Luiz Antônio da Cruz Júnior (UNIFESP)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP)

### Resumo:

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma breve e sucinta reflexão sobre a estrutura da narrativa de *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso. Narrando a trajetória dos últimos sobreviventes da família Meneses, o romance é uma obra polifônica, pelas diferentes vozes narrativas que apresenta. Constituída por um texto fragmentado tanto na macroestrutura, quanto na microestrutura, a sensação empregada pela forma de escritura da obra é a de um texto inacabado e até mesmo mal escrito. Não obstante, o que se pretende com esta reflexão é demonstrar que o texto cardosiano, a rigor de tantos outros textos da modernidade, é propositadamente pensado para ser assim. Para tanto, utiliza-se como fontes, dentre outros, os estudos de Cássia dos Santos (2005), Júlio Castañon Guimarães (1991), Mário Carelli (1991), Pierre Garrigues (1995) e Roland Barthes (2003 e 2015). Ainda sobre este artigo, a propósito da comunicação apresentada no XV Congresso da ABRALIC e da dissertação de Mestrado da qual faz parte, pretende-se apontar para como o leitor é chamado e inserido na obra, assim como esta interfere em seu *constructo*. Ao final, espera-se que o presente artigo sirva, além da reflexão, para contribuir com os estudos de literatura brasileira.

**Palavras-chave:** Lúcio Cardoso. Fragmentos literários. Inacabamento. Forma de escritura.

## ENTRE RUÍNAS, ESTILHAÇOS E SILÊNCIOS: OS FRAGMENTOS LITERÁRIOS EM *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA*.

Luiz Antônio da Cruz Júnior (UNIFESP)

*Eis um estado muito sutil, quase insustentável do discurso: a narratividade é desconstruída e a história permanece, no entanto, legível: nunca as duas margens da fenda foram mais nítidas e mais tênues, nunca o prazer foi melhor oferecido ao seu leitor – pelo menos se ele gosta das rupturas vigiadas, dos conformismos falsificados e das destruições indiretas.*

Roland Barthes

*Crônica da casa assassinada* é exatamente o que Roland Barthes (2015) descreve: uma narrativa desconstruída, interrompida, fragmentada e, no entanto, legível. Um romance que se desdobra por meio de uma escritura fragmentária, ambígua e lacunar narrando a trajetória dos últimos sobreviventes da família Meneses, uma tradicional família do interior de Minas Gerais, na imaginária cidade de Vila Velha.

Os Meneses, cuja família vivera tempos áureos no passado, são narrados em pleno declínio financeiro e moral. O imponente casario onde vivem, na chácara dos Meneses, assim como a família está em vertiginoso declínio. É um ambiente obscuro e melancólico, espaço de conflitos onde os olhares voltam-se para a relação de Valdo Meneses e sua esposa, Nina, uma das personagens centrais da trama cardosiana, cujo protagonismo é evidente.

Nina é uma mulher moderna, bonita, atraente, de personalidade forte e pertencente à sociedade carioca. Parece ser o oposto de seu marido Valdo, um homem cujos atributos físicos não têm qualquer importância no texto, mineiro do interior do estado, de uma família conservadora e tradicionalista, de personalidade volátil e altamente influenciado por seu irmão mais velho, Demétrio Meneses. Ao se mudar para a chácara, Nina vê-se em um ambiente muito diferente do que estava acostumada: fechado, melancólico, cheio de mistérios e, especialmente, conflituoso.

A amplitude narrativa da *Crônica* vai da chegada de Nina à chácara até o fim dos Meneses e da cidade onde moram. A anunciada e aguardada chegada de Nina a Vila Velha parece ter mexido com toda a cidade e, especialmente, com as estruturas da casa dos Meneses. Sua presença marcante, destoando de tudo o que ali se via, parece ter intensificado a aura de conflitos existentes na família. Quase todos os embates que

ocorrem no seio familiar ligam-se diretamente à figura de Nina que parece despertar nas outras personagens uma relação de amor e ódio por ela.

Demétrio Meneses, o irmão mais velho e quem comanda a casa, é uma das personagens que evidencia este sentimento mútuo e paradoxal em relação a Nina. Ele se opõe diretamente à figura da cunhada a ponto de convencer seu irmão, Valdo, a mandá-la de volta para o Rio sob a suspeita de um caso extraconjugal. Ao mesmo tempo que se opõe a ela, parece nutrir em seu interior e deixar transparecer um sentimento de paixão e desejo. Demétrio e Nina, respectivamente, operam na obra como metonímias da tradição e do novo com toda amplitude semântica que se possa atribuir à coexistência paradoxal dessas forças.

A rigor das demais personagens que compõem o plano primeiro da narrativa, Ana, esposa de Demétrio Meneses, vive uma relação similar à do marido. Nina, como já apresentada, tem personalidade marcante e vida própria, o oposto de Ana que, em um casamento arranjado, fora educada e treinada para ser uma Meneses e atender aos caprichos de Demétrio. Logo, ao mesmo tempo que parece odiar a cunhada e condená-la, Ana inveja a beleza de Nina e deseja parecer-se com ela não só na aparência física, mas sobremaneira na personalidade forte que a cunhada transparece.

Dos Meneses, o único que não tem uma relação conflituosa com Nina é Timóteo Meneses, o caçula dos irmãos que fora escondido e condenado a uma vida reclusa por representar uma ameaça à imagem e aos valores pregados por Demétrio Meneses. Importante figura na trama, Timóteo é o único na casa que se declara a favor de Nina, talvez pela possibilidade de renovação que ela representa e pela proximidade que ambos têm em oposição à tradição. Solícito, Timóteo fica ao lado de Nina até a morte dela. Durante seu velório, ele sofre um acidente vascular cerebral que o leva à morte.

Fora Timóteo quem alertara Nina das intenções de Demétrio de mandá-la para o Rio de Janeiro. A alegação de Demétrio era a de que Nina supostamente tinha tido um caso com Alberto, o jardineiro. Assim que ficou sabendo, pela boca de Timóteo, Nina decidiu partir para o Rio, mas adiou a viagem após um estranho acidente, sofrido por Valdo Meneses, com uma arma de fogo. Apesar do adiamento, não tardou muito para que ela partisse e o fez mesmo estando grávida.

No Rio de Janeiro, André, suposto filho do casal Nina e Valdo, está com um ano de vida quando aparece Ana que, a mando de Valdo, pega a criança e a leva para ser

criada na Chácara segundo a tradição dos Meneses. Quinze anos se passaram e Nina, bastante doente, convence Valdo que a deixe voltar para a chácara. Seu retorno à chácara não é menos conflituoso que no passado e sua presença, depois de tanto tempo, parece conferir aos Meneses a derrocada final.

André Meneses, com aproximadamente dezesseis anos, fora criado por Betty, governanta da casa, e por Ana. Sem conhecer a mãe, o menino tem o pensamento fixo na construção da imagem da mãe que ele não conhecera. Tendo como referenciais maternos as figuras de Betty e Ana, o menino surpreende-se ao conhecer Nina e ao ver que ela não se parece em nada com a figura de uma mãe. Ao contrário do que ele imaginava, Nina materializa, para o garoto, o ideal de uma mulher.

A relação de Nina e André é bastante complexa. Durante os aproximados seis meses que eles passam juntos, desde o retorno de Nina à chácara até sua morte, o jovem-adolescente, não reconhecendo a figura materna em Nina, desperta um olhar e interesses que vão muito além da relação de mãe e filho. Os registros dos diários de André narram, sob seu próprio olhar apaixonado, a complexa relação dele com Nina e o suposto caso de incesto existente.

A morte de Nina conflui, então, no fim dos Meneses. A partir de sua morte, a família se destitui. André desaparece. Timóteo tem um acidente vascular cerebral e morre. Uma praga que a dizima a cidade e também a casa dos Meneses. Ana, a última integrante da família, falece junto de Padre Justino. Ao fazer suas últimas e aterradoras confissões, transitando entre a sanidade e a insanidade, Ana revela que André Meneses não é filho de Nina, mas seu próprio filho.

*Crônica da casa assassinada*, destaca-se não só pelo denso enredo que apresenta, mas também pela arquitetura de sua construção textual e semântica que permite ao leitor, experimentar sensações análogas às vividas pelas personagens da obra. Não só isso, mas estas estrutura e forma de escritura vão, ainda, interferir no *constructo* do leitor, especialmente, pela maneira como abarca temas complexos e perturbadores: inveja, adultério, paternidades duvidosas, incesto e loucura. Toda abordagem que a narrativa faz sobre os temas centrais, se dá não pela assertividade, mas ao contrário, pela dúvida e pela incerteza.

Esta aura de dúvidas e incertezas da obra dá-se pela construção do texto, pela forma de escritura e pelos recursos empregados. Tal arquitetura não se deu por acaso,

antes, durante os cinco anos que a obra levou para ficar pronta, foi ganhando vida, sendo preparada, estruturada e construída como apontam os estudos de Mário Carelli e Júlio Castañon Guimarães, para a edição crítica de *Crônica da casa assassinada*, em 1991, e também o estudo de Cássia dos Santos, para sua tese de doutorado, em 2005.

Lúcio Cardoso opta por uma escritura fragmentada, ambígua e lacunar utilizando na estrutura da diegese diversos recursos sintáticos, semânticos e estilísticos, tais como a exploração das parataxes, da pontuação e das figuras de linguagem. Por meio da arquitetura criada e dos recursos empregados na obra, Lúcio Cardoso produz uma obra fragmentada, ambígua e lacunar. A opção pela forma de escritura fragmentada e lacunar ocorre tanto na macroestrutura quanto na microestrutura, ou seja, tanto na composição geral da obra – estrutura capitular, narradores etc. – quanto no interior de seu texto – pela fragmentação textual, parataxes, pontuação etc.

Do ponto de vista macroestrutural, a obra cardosiana, apresenta cinquenta e seis divisões capitulares constituídas de: diários, depoimentos, cartas, narrativas, confissão, livro de memórias e pós-escrito. Estes gêneros diversos que compõem a narrativa são narrados por dez diferentes vozes que apresentam, cada uma do seu ponto de vista, uma parte da história dos Meneses, construindo uma grande narrativa fragmentada de gêneros e vozes diversas que se intercalam não apresentando linearidade cronológica.

Esta anacronia narrativa, como proposta por Gérard Genette (1995) em *Discurso da Narrativa*, aumenta a fragmentação do romance, uma vez que seu enredo é cheio de prolepses (antecipações) e analepses (*flashbacks*) tanto na macro, quanto na microestrutura. Neste sentido, ao ler o primeiro capítulo, o *Diário de André (conclusão)*, é possível perceber que se trata de uma prolepse, uma antecipação de acontecimentos futuros. O livro se inicia com a narrativa de um fato que, em ordem cronológica linear, deveria estar do meio para o final da história.

Sem seguir uma ordem cronológica linear, os capítulos do romance são ordenados por um narrador-compilador. Este compilador, cuja voz é silenciada e de quem não se faz menção alguma, é responsável pela compilação e disposição dos fragmentos que compõem os capítulos da obra. Seu papel é fundamental na estruturação da narrativa. A opção por um narrador compilador, de voz quase muda e não identificável, aumenta a aura de incertezas que permeia a obra, não só pela opção de narrar em diferentes vozes,

mas também porque este compilador é responsável por interromper o fluxo narrativo de cada voz com apontamentos para notas marginais.

Nas microestruturas, ou seja, nas estruturas internas de seus capítulos, esta fragmentação pode ser percebida através da sintaxe que apresenta: nos períodos de orações coordenadas e subordinadas, pela pontuação empregada, pelos tempos, modos e formas verbais utilizados. Além da sintaxe, os recursos estilísticos fazem com que o fluxo narrativo seja fragmentado por uma espécie de modulação do discurso que altera o tom da narrativa que, muitas vezes, em parágrafos longos, ora é descritiva, ora é reflexiva. Também se observa a presença dos discursos direto e indireto entrecortando o texto, além das já mencionadas interrupções do compilador apontando para notas marginais.

*Crônica da casa assassinada*, a propósito da epígrafe deste artigo, é uma obra cuja narratividade é desconstruída. Não há um único narrador, mas um coro de vozes diferentes, narradores autodiegéticos. A polifonia narrativa, a forma de escritura e os recursos utilizados, na macro e na microestrutura, fazem com que a obra se apresente cheia de rupturas, fragmentada. O romance, tido como ápice romanesco de Lúcio Cardoso, evidencia a maturidade de seu autor que, como já dito, não o escrevera da noite para o dia, mas que levava cinco anos para compor o texto final.

No estabelecimento da *Nota filológica: procedimentos de edição* e no próprio texto da edição crítica de *Crônica da casa assassinada*, Júlio Castañon Guimarães (1991) aponta para os muitos datiloscritos e manuscritos que deram origem ao texto final da *Crônica*: versões diferentes de uma mesma obra, capítulos cuidadosamente alterados ou acrescidos, termos e expressões suprimidos ou, então inseridos, além de outras modificações fundamentais que deram origem à obra publicada em 1959.

Cássia dos Santos, em sua tese de doutorado *Uma paisagem apocalíptica e sem remissão: a criação de Vila Velha e da Crônica da casa assassinada*, de 2005, também demonstra como o romance de Lúcio Cardoso fora constituído e o que, para ele, era importante nesta obra. Segundo ela aponta, para o romancista, trabalhar o espaço e o tempo estava acima de trabalhar as personagens. O tempo, que fora importante para o ficcionista compor a obra, é fundamentalmente importante na obra. Isso fica evidenciado pela não delimitação temporal da obra e, sobretudo, pela narrativa desconstruída, fragmentada e não linear que joga com o tempo, ludibria o leitor e cria uma obra atemporal, cujo alcance é muito maior que sua amplitude.

A proposital desconstrução da narratividade e todos os elementos textuais empregam ao texto cardosiano um tom de inacabamento. Pierre Garrigues (1995), em seu trabalho *Poétiques du fragment*, observa que o fragmento literário tem seu fim no inacabamento, dizendo o que não diz, sem dizer pelo que diz. A narrativa e o texto igualmente fragmentado, as lacunas que se instauram, o silêncio que se faz presente, a desconstrução textual e todos os elementos constitutivos da diegese cardosiana imprimem o caráter ambíguo do fragmento literário que se dá por meio do inacabamento que este apresenta.

*Crônica da casa assassinada*, originalmente pensada como integrante de uma trilogia, fora a obra de fôlego de Lúcio Cardoso e demonstra, em todos os seus aspectos e no contexto de produção, que sua intenção não era criar uma obra qualquer. A densa narrativa, as construções imagéticas, o tempo da narrativa e como se este apresenta nela, as personagens complexas, o texto fragmentado, as lacunas presentes, a perversidade da destruição de uma família e de uma cidade inteira, bem como outros fatores inerentes à obra e integrantes de sua diegese demonstram que o autor construíra uma obra bem arquitetada e na qual o jogo com o leitor torna-se peça fundamental.

Do leitor de *Crônica da casa assassinada* é exigido mais que apenas uma leitura. Ele é chamado ao texto e é obrigado, pela forma escrita, ao ato reflexionante das personagens e do próprio autor. No jogo textual do romance, o trabalho do leitor é exigido pelo texto que tenta lograr e ludibriar quem o lê. Muitas vezes o texto é silenciado, um silêncio quase ensurdecido que diz, paradoxalmente, por meio do que não diz. Outras tantas, o discurso textual é longo, prolixo e não diz, exatamente, pelo muito que diz.

*Crônica da casa assassinada* é um romance feito de fragmentos. Seu texto é estilhaçado e fragmentado, assim como os últimos Meneses de quem a história fala. Tal qual a casa e a família em ruínas, o texto também parece estar em ruínas. Mais que apenas contar a história de uma família moral e financeiramente decadente, o romance de Lúcio Cardoso, pela fragmentação textual e estrutura fragmentária, reduplica a construção textual de uma sociedade que se encontra, na modernidade, em ruínas e em que a possibilidade de totalização há muito fora perdida, como propõem teóricos como Lukács (2009), por exemplo.

Sob a ótica do fragmento literário, é possível enxergar um romance cujo propósito é maior. Seu alcance não se limita ao tempo da narrativa e à sua amplitude. Ele é muito maior. Isto se dá, em grande parte, pela forma como o texto se apresenta, além da história

que é contada. Como verificado e apontado por Cássia dos Santos (2005), o tempo é um fator importante para a obra que ao tratar de questões inerentes à sociedade moderna e pela forma como o faz, através dos fragmentos, torna o romance uma obra atemporal e, a propósito de Roland Barthes (2015), cujo “prazer do texto” é evidenciado.

### **Referências Bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec, 2014.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance I: da vida a obra**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A preparação do romance II: a obra como vontade**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

\_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BUENO, Luís. **Uma história concisa do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. 1.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

\_\_\_\_\_. **Crônica da casa assassinada**. Edição Crítica coordenada por Mario Carelli. 1.<sup>a</sup> ed. São Paulo: AllcaXX/Edusp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Diário completo**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1970.

\_\_\_\_\_. **Diários / Lúcio Cardoso.** Organizado por Écio M. Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Maria H. **Por onde andou meu coração.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida-vida:** memória. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973.

GARRIGUES, Pierre. **Poétiques du fragment.** Paris: Klincksieck, 1995.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa.** Tradução de Fernando Cabral Martins. 3.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Vega, 1995.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance:** um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grade épica. Tradução José M. M. de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

OSTERMANN, Eberhard. **Das Fragment :** Geschichte einer ästhetischen Idee. Munique: Fink, 1991.

RIBEIRO, Écio M. **O riso escuro, ou, O pavão de luto:** um percurso pela poesia de Lúcio Cardoso. São Paulo: Nankin/Edusp, 2006.

SANTOS, Cássia. **Uma paisagem apocalíptica e sem remissão:** a criação de Vila Velha e da *Crônica da casa assassinada*. 2005. 284 folhas. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SANTOS, Cássia. **Polêmica e controvérsia:** o itinerário de Lúcio Cardoso de *Maleita* a *O enfeitado*. 1997. 202 folhas. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997

SCHEEL, Márcio. **Poética do Romantismo: Novalis e o fragmento literário.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SCHLEGEL, Friedrich. **O dialeto dos fragmentos.** Tradução Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SUSINI-ANASTOPOULOS, Françoise. **L'écriture Fragmentaire: définitions et enjeux.** Paris: Presses Universitaires de France, 1997.